



16 DE ABRIL DE 2018

Segunda-feira

- **CURSOS SINDIMETAL/PR - MAIO**
- **EMPRESAS MENORES RESISTEM À AUTOMAÇÃO, MESMO COM TECNOLOGIA ACESSÍVEL**
- **CRIAÇÃO DO FUNDO DE INOVAÇÃO DAS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS VOLTA À PAUTA DA ALEP NA SEGUNDA-FEIRA (16)**
- **USO DA CAPACIDADE DAS FÁBRICAS VOLTA AO NORMAL EM 52,4% DOS SETORES INDUSTRIAIS**
- **OCIOSIDADE MENOR ABRE ESPAÇO PARA INVESTIMENTO**
- **PUBLICADA LISTA DE PRODUTOS QUE PODEM SER ALTERADOS NO SISTEMA GERAL DE PREFERÊNCIAS DOS EUA**
- **41 MIL SACARAM FGTS EM DEMISSÃO POR ACORDO APÓS ENTRADA EM VIGOR DA NOVA LEI TRABALHISTA**
- **ECONOMIA CRESCE 0,09% EM FEVEREIRO, SEGUNDO BANCO CENTRAL**
- **DESIGUALDADE NO BRASIL É O DOBRO DA OFICIAL**
- **SOBE 2% VENDA DE MATERIAL DE CONSTRUÇÃO NO 1º TRI**
- **DESPESAS BÁSICAS SOBEM MAIS QUE A INFLAÇÃO E TIRAM R\$ 14,5 BI DO CONSUMO**
- **IGP-10 DE ABRIL FICA EM 0,56% ANTE 0,45% EM MARÇO, REVELA FGV**
- **IPC-S SOBE 0,35% NA 2ª QUADRISSEMANA DE ABRIL APÓS 0,31% NA ANTERIOR, DIZ FGV**
- **JUROS CAEM HÁ 16 MESES, MAS TAXA DO CHEQUE ESPECIAL NÃO SAI DO LUGAR**
- **CAIXA ANUNCIA REDUÇÃO DE JUROS E AUMENTO DO VALOR FINANCIADO PARA A CASA PRÓPRIA**
- **KLABIN VOLTOU AO RITMO PRÉ-CRISE**
- **VALE REDUZ PRODUÇÃO DE MINÉRIO DE FERRO EM 4,9%; VENDAS CRESCEM**

- OFERTA DE ALUMÍNIO CORRE RISCO POR CORTE DE PRODUÇÃO NO BRASIL E SANÇÕES CONTRA A RÚSSIA, DIZ HYDRO
- PODEMOS ELEVAR "MUITO MAIS" NOSSA PRODUÇÃO DE COBRE, DIZ PRESIDENTE DO PERU
- BRASIL TEM POUCAS ALTERNATIVAS À ADOÇÃO DE COTAS DE EXPORTAÇÃO DE AÇO, DIZ ESPECIALISTA
- TEMER DIZ QUE GOVERNO BRASILEIRO VAI EXAMINAR PROPOSTA DOS EUA SOBRE AÇO
- SERVIL AOS EUA, TEMER SE MOSTRA DISPOSTO A ACEITAR COTA PARA O AÇO
- A VEZ DO CARRO IMPORTADO: QUEDA NO IMPOSTO FAZ SETOR CRESCER 48%
- MANUAL DE VEÍCULOS FICA MAIOR, MAIS INDECIFRÁVEL E DÁ LUGAR A APLICATIVOS
- TRADUÇÃO É CHAVE PARA ELEVAR QUALIDADE DE MANUAIS TÉCNICOS
- APÓS 2 ALTAS SEMANAIS SEGUIDAS, PREÇO MÉDIO DA GASOLINA TEM LEVE RECUO, APONTA ANP
- ELÉTRICOS EMPACAM NA EUROPA POR FALTA DE ESTRUTURA
- VENDA DE UTILITÁRIOS CRESCERÁ 35% ESTE ANO
- RENAULT LANÇA PLANO DE MANUTENÇÃO PARA LINHA MASTER

CÂMBIO EM 16/04/2018		
	Compra	Venda
Dólar	3,432	3,432
Euro	4,246	4,247

Fonte: BACEN

Cursos SINDIMETAL/PR - MAIO

16/04/2018 – Fonte: Tribuna PR



Curso: Administração do Tempo
Dias 10 e 11 de Maio de 2018
Das 08h30 às 17h30
Sede do SINDIMETAL/PR

Conteúdo Programático:

- ✓ Daptação do uso de tempo: Porque administrar o tempo: Conceitos, Características e tipos: Atividades de utilização e desperdício do tempo; Errores, Infortúnios e possíveis; Produtividade e redução de custos; Ferramentas de administração do tempo; Soluções práticas para excessos de tempo, de prazo, e ineficiência de elaboração de relatórios; Para tendência à procrastinação, ferramentas de organização pessoal; O planejamento: metas, causas, o que faz com que; Atitudes e comportamentos: eficiência, eficácia e sucesso e Qualidade de vida aplicada na administração do tempo.

Investimento:

- ✓ Associados do SINDIMETAL/PR: R\$ 200,00
- ✓ Empresas Filiais e Outros: R\$ 260,00

Faça a sua inscrição: AQUI

Inscrições até o dia: 04/05/2018

Outras informações poderão ser obtidas no SINDIMETAL/PR através do telefone (41) 3218-3935, ou e-mail sindimetal@sindimetal.com.br, com a Sra. Gisele Alves de Santana.



Curso: Gestão de Estoques
Dias 23, 24 e 25 de Maio de 2018
Das 08h30 às 17h30
* Dia 25 das 08h30 às 12h30

Sede do SINDIMETAL/PR
Rua Ângelo Greca, 70 - Atuba

Conteúdo Programático:

- ✓ As empresas e seus recursos; Porque existem estoques; Definição de estoque; Gestão de estoques: compra, recebimento, armazenamento, movimentação e expedição; Responsabilidade e atribuições; Controle de Estoque: organização e classificação de materiais, materiais de estoques (embalagens e produtos acabados), classificação dos materiais, identificação, codificação, recebimento, estoque em materiais, localização de materiais, controle, ponto de ressuprimento, tempo de ressuprimento, estoque mínimo e máximo, requisição de materiais, distribuição, inventários; Aspectos comportamentais (segurança, organização e limpeza, disciplina, comprometimento, responsabilidade, iniciativa e ética).

Investimento:

- ✓ Associados do SINDIMETAL/PR: R\$ 200,00
- ✓ Empresas Filiais e Outros: R\$ 260,00

Faça a sua inscrição: AQUI

Inscrições até o dia: 17/05/2018

Outras informações poderão ser obtidas no SINDIMETAL/PR através do telefone (41) 3218-3935, ou e-mail sindimetal@sindimetal.com.br, com a Sra. Gisele Alves de Santana.

Empresas menores resistem à automação, mesmo com tecnologia acessível

16/04/2018 – Fonte: Folha de S. Paulo

Empreendedores devem acompanhar desenvolvimento tecnológico para não perder competitividade



O dentista Alex Ikeziri usa um tablet em atendimento na Orthodontic, em São Paulo - Rafael Roncato/Folhapress

Automatizar é tornar um processo mais eficiente usando tecnologia. Pode ser informatizar as vendas e o controle de estoque, criar informações sobre a produção ou robotizar o atendimento.

A automação é fundamental na indústria 4.0, que visa tornar as empresas mais ágeis com uso de inteligência artificial, explica Marcelo Prim, gerente-executivo de Inovação e Tecnologia do Senai (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial).

É possível, por exemplo, usar sensores para aprender que a agulha de uma máquina quebra a cada 20 dias. A máquina avisa a hora da troca, o que evita uma interrupção repentina da produção.

"Você sabe o que está acontecendo a um baixo custo, qualquer empresa pequena pode se digitalizar", diz.

Segundo um estudo da Jiva, que faz soluções de gestão, o nível de automação das pequenas empresas no estado de São Paulo é de 40%.

"O índice baixo evidencia que os empresários estão envolvidos nas operações e pouco atentos à parte gerencial e estratégica", afirma Fábio Túlio, presidente da empresa.

Participar de feiras e prestar atenção na concorrência é essencial. E antes de investir em automação, vale procurar aconselhamento de serviços como o Sebrae.

Werter Padilha, coordenador do comitê de Internet das Coisas da Abes (Associação Brasileira das Empresas de Software), acredita que, com o avanço da tecnologia, as empresas menores ganham mais chances de competir com as grandes. A estrutura enxuta dá agilidade para adotar as novidades do mercado.

Segundo Túlio, automatizar processos está cada vez mais barato. Se o empresário não tiver recursos para investir, há linhas de financiamento, como as da agência Desenvolve SP e do BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social).

Para o varejo, a Totvs, que faz sistemas de gestão, tem equipamentos para venda informatizada que custam a partir de R\$ 200 ao mês. Startups também têm soluções para empresas pequenas.

O Senai tem um pacote para digitalizar uma indústria pequena por R\$ 35 mil, que permite que a companhia interprete as informações captadas na produção e crie ações de melhoria contínua.

No site [Senai 4.0](#), há um questionário que avalia a maturidade da empresa em relação à indústria 4.0.

O empreendedor recebe um relatório com o diagnóstico e um consultor cria um plano de digitalização.

No escritório de advocacia Urbano Vitalino, a inteligência artificial Watson, da IBM, insere processos no sistema, que lida com 100 mil ações judiciais de clientes de grande porte, como bancos.

Segundo eles, enquanto um estagiário leva 15 minutos na tarefa, e erra 20% das vezes, o sistema gasta segundos e tem 98% de acertos.

A inteligência artificial lê os processos, identifica os pedidos e sugere a defesa. "Deixa os advogados livres para trabalhar em pesquisa e revisão", diz o diretor do escritório, Urbano Vitalino Neto.

O sistema torna a produção mais confiável e diminui parte dos custos.

"Quem não investir vai sair do mercado de advocacia de volume", afirma Neto, que diz que o sistema se pagará em poucos anos.



Cliente usa tótem de autoatendimento na Orthodontic, em São Paulo - Rafael Roncato/Folhapress

Na franquia de clínicas odontológicas Orthodontic, a recepção foi automatizada. Com 230 franqueados, eles investiram R\$ 3 milhões em tecnologia em 2017, valor que deve dobrar neste ano.

"Temos 7.000 atendimentos ao mês, havia fila para fazer check-in e pagar", diz o sócio-fundador da rede, Fernando Massi.

No novo sistema, o cliente se apresenta no totem de autoatendimento. Após ser atendido, o dentista agenda o retorno via tablet.

A automação substituiu por um sistema de envio de SMS o profissional que ligava para lembrar os clientes das consultas.

Ao se automatizar, a empresa precisa treinar quem tinha funções manuais em outros cargos, para não cortar vagas.

Massi diz ter empregado em vendas 80% do pessoal que ficou obsoleto com a tecnologia adotada pela franquia.

O que é indústria 4.0

Também chamada de Quarta Revolução Industrial, é o uso de tecnologia para que as empresas aprendem a otimizar sua linha de produção por meio de coleta e análise de dados em tempo real. O resultado é aumento de produtividade e maior previsibilidade de problemas

O que é automação

Aplicar ferramentas que transformam processos que antes eram manuais em automatizados, gerando mais eficiência e velocidade na produção. Pode ir desde a implantação de um software de gestão em uma fábrica até a robotização do atendimento ao cliente.

O que é possível fazer

Indústria: digitalizar processos, investir em sensores para a fábrica, para analisar em tempo real os equipamentos, produção e estoque; investir em novas máquinas que melhorem a produtividade; investir em softwares que controlam produção, perdas e transporte.

Comércio e serviços: automatizar controle de estoque; automatizar atendimento ao consumidor; digitalizar sistema de vendas; oferecer vendas pela internet.

Como se automatizar

1. Analisar a empresa e perceber onde os processos são mais falhos e poderiam se beneficiar de tecnologia
2. Consultar serviços de assistência ao empreendedor, como Sebrae e Senai, para saber as opções disponíveis no mercado
3. Ver o que concorrentes estão fazendo e o nível de automação deles
4. Investir na tecnologia adequada à necessidade da empresa e também em treinamento, para que funcionários saibam tirar proveito dela
5. Se manter atento a novidades do mercado e da concorrência, para se atualizar

Criação do Fundo de Inovação das Micro e Pequenas Empresas volta à pauta da Alep na segunda-feira (16)

16/04/2018 – Fonte: ALEP (publicado em 13-04-2018)

A Assembleia Legislativa do Paraná (Alep) volta a apreciar na sessão plenária de segunda-feira (16) o projeto de lei que institui o Fundo de Inovação das Microempresas e Empresas de Pequeno Porte do Paraná (Fime/PR).

De acordo com a proposta, de [nº 99/2018](#), o fundo, de natureza contábil, será vinculado à Secretaria de Estado da Fazenda (Sefa), com a finalidade de financiar projetos de pesquisa, desenvolvimento e inovação voltados para o setor. A matéria

tramita com emenda que visa garantir o efetivo repasse do percentual de 1% da receita tributária ao financiamento de pesquisas nas instituições de pesquisa do Estado, Iapar, universidades estaduais e Tecpar.

Segundo a proposta de autoria do Poder Executivo, a instituição do Fime/PR se faz necessária tendo em vista que a inovação e o conhecimento são a força motriz do desenvolvimento regional sustentável e, por isso, é preciso criar mecanismos de estímulo ao setor, ampliando a capacidade competitiva das micro e pequenas empresas.

O fundo também tem como objetivo, segundo o Executivo, fomentar a economia por meio de transferência de conhecimento das instituições científicas e tecnológicas do estado do Paraná.

Uso da capacidade das fábricas volta ao normal em 52,4% dos setores industriais

16/04/2018 – Fonte: Tribuna PR

Apesar da recuperação lenta da economia, a indústria começa a desatar um nó importante para a volta dos investimentos. Dados da Confederação Nacional da Indústria (CNI) mostram que 52,4% dos setores da indústria de transformação já voltaram ou estão perto de voltar ao padrão histórico de ocupação da capacidade das fábricas.

A ocupação das linhas de produção vem acontecendo de forma gradual e ainda há pesos-pesados, como as indústrias de automóveis e metalúrgica, entre os retardatários do processo. Mas, desde novembro, a indústria vem usando por volta de 78% de sua capacidade produtiva, um nível de aproveitamento que não era visto havia 20 meses.

Apesar de mostrar muita oscilação, o dado engatou trajetória de alta quando, no começo do ano passado, o consumo dos produtos no Brasil começou a sair do buraco e se encontrou com o crescimento das exportações, até então a válvula de escape das empresas diante da falta de demanda interna.

Com isso, alguns setores já voltaram a operar dentro de um nível considerado normal de utilização da capacidade produtiva. Números calculados pela CNI a pedido do Broadcast (serviço de notícias em tempo real do Grupo Estado) mostram que, entre novembro e fevereiro, cinco dos 21 ramos da indústria de transformação operaram em patamar parecido ou até acima da média histórica de uso da capacidade instalada – entre eles, as indústrias de papel e celulose e farmacêutica.

Outros seis setores – numa lista que inclui as fábricas de produtos têxteis, de vestuário e de móveis – estão perto de voltar à normalidade, apresentando uma ociosidade inferior a 1% em relação à média histórica.

As fábricas, vale observar, costumam preservar uma folga em relação ao potencial máximo de produção para não serem surpreendidas por momentos de superaquecimento de demanda. “Alguns setores já estão conseguindo colocar o nariz para fora d’água”, disse Marcelo Azevedo, economista da CNI.

Distância

Abaixo dessa “linha d’água”, dez atividades estão mais longe de resolver a questão da ociosidade deixada pela crise. Esse grupo inclui setores de grande peso na atividade industrial, casos das indústrias automobilística, metalúrgica e de produtos químicos, assim como os fabricantes de alimentos e bebidas. Somados à indústria de máquinas e equipamentos, e a outros ramos também presentes nessa lista, representam 41% do PIB industrial.

“Ninguém quer administrar novamente uma situação de excesso de estoque nos pátios das fábricas porque isso significa grande prejuízo. Para religar máquinas e contratar mais, as empresas precisam ter certeza sobre o que vem pela frente”, disse o economista da CNI. “De qualquer forma, isso está ficando cada vez mais viável.”

Ociosidade menor abre espaço para investimento

16/04/2018 – Fonte: Tribuna PR

A queda da ociosidade na indústria, mesmo que em um ritmo considerado abaixo do esperado, reforça as previsões positivas sobre os investimentos no Brasil, que devem interromper em 2018 quatro anos seguidos de encolhimento.

Pelos cálculos do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), os investimentos líquidos – aqueles que adicionam capacidade produtiva na economia – voltarão a crescer num ritmo anual próximo de 20% neste e no próximo ano.

Mesmo que ainda haja ociosidade na indústria – a produção segue 17,8% abaixo do pico registrado em junho de 2013 – e que a economia continue crescendo menos do que o seu potencial até o ano que vem, o coordenador do grupo de estudos de conjuntura do Ipea, José Ronaldo de Souza Júnior, diz que o atual estágio da recuperação econômica demanda mais investimentos em modernização de processos, bem como em linhas de novos produtos.

“Além disso, há setores, como o da indústria extrativa mineral e de infraestrutura, que precisam ampliar a capacidade instalada”, acrescenta o pesquisador.

Cenário

Não por acaso, se as previsões da maioria dos economistas estiverem corretas, o consumo das famílias e a Formação Bruta de Capital Fixo, sinônimo de investimentos, serão os motores do crescimento econômico de 2018, estimado em 2,8% pelo mercado.

A leitura dos economistas é que, depois de um período de cortes nos investimentos, as empresas voltarão a investir porque vivem hoje uma situação de maior equilíbrio financeiro, após os programas de redução de dívidas e de reestruturação executados durante a crise.

Além disso, os cortes na taxa básica de juros (Selic) sugerem alívio no custo dos financiamentos, ainda que eles não tenham sido totalmente repassados aos tomadores finais de crédito.

Essa maior propensão a investir foi capturada em pesquisa da Fundação Getúlio Vargas (FGV) que apurou que a intenção de investimentos chegou, no primeiro trimestre, ao nível mais alto desde o fim de 2013. A FGV constatou que o total de indústrias dispostas a elevar investimentos nos próximos 12 meses voltou a ser maior do que o número que planeja reduzir.

Sinais de que os investimentos estão saindo do estado de letargia também são dados pelas importações de bens de capital – com alta de 14,5% no primeiro trimestre, frente ao mesmo período do ano passado – e pelo crescimento de 3,8%, ainda no comparativo com o ano anterior, dos investimentos no último trimestre de 2017. Foi a primeira alta desse componente do PIB no comparativo ano a ano em quase quatro anos.

“Em tese, os setores que estão mais próximos de resolver o problema da ociosidade devem ser os primeiros a retomar os investimentos em expansão industrial”, disse Marcelo Azevedo, economista da Confederação Nacional da Indústria (CNI).

Publicada lista de produtos que podem ser alterados no Sistema Geral de Preferências dos EUA

16/04/2018 – Fonte: MDIC

Dentro da revisão anual 2017/2018 do Sistema Geral de Preferências (SGP), o Escritório do Representante de Comércio dos EUA (USTR) tornou públicas as datas para apresentação de petições de alteração de status dos países beneficiários. As petições devem ser feitas em inglês e **entregues até 16 de abril** eletronicamente pelo endereço <http://www.regulations.gov>. O USTR anunciará a decisão sobre quais petições serão aceitas para revisão, além de uma agenda para a audiência pública e a oportunidade para o público externo enviar comentários.

Saiba sobre quais os temas as partes podem peticionar:

Inclusão de produtos: petições para pleitear a inclusão de produtos como elegíveis aos benefícios do SGP;

Exclusão de produtos: petições para pleitear a exclusão, suspensão ou limitação da aplicação do tratamento *duty-free* acordado no SGP com respeito a qualquer artigo;

Pedido de waiver de Limite de Competitividade: solicitar a manutenção do benefício do SGP (CNL waiver) para produtos que ultrapassaram o limite de competitividade - CNL. Como regra, o programa determina a suspensão do tratamento tarifário preferencial para produtos em duas condições: que excederem 50% do valor total de suas importações nos EUA; ou que ultrapassaram o valor de US\$ 180 milhões em importações no ano de 2017.

Petição para negação do *de minimis* waiver: solicitar a negação da concessão do *de minimis* waiver. Um produto receberá o *de minimis* waiver quando, embora exceda os limites de competitividade, possua um volume baixo de importações dos Estados Unidos e não haja produção local. A concessão do *de minimis* waiver ocorre automaticamente.

Petição para redesignação: solicitar a redesignação de um produto atualmente excluído.

Empresas e associações interessadas em participar do processo em coordenação com o Governo brasileiro estão convidadas a entrar em contato por meio do seguinte endereço: deint@mdic.gov.br.

Veja a íntegra da publicação:

<https://www.federalregister.gov/documents/2018/04/04/2018-06783/generalized-system-of-preferences-gsp-notice-of-revisions-to-the-20172018-annual-gsp-product-and>

O que é o SGP

O SGP norte-americano dá tratamento tarifário preferencial (tarifa alfandegária zero) a produtos originários ou procedentes de países em desenvolvimento. O SGP foi idealizado em bases não recíprocas, de modo a superar diferenças no intercâmbio comercial e nos índices de desenvolvimento dos países beneficiados.

O atual formato do SGP dos EUA foi renovado em 23 de março de 2018 e tem validade até 31 de dezembro de 2020. Para verificar se um produto é ou não elegível ao tratamento tarifário preferencial do SGP norte-americano, consulte a United States International Trade Commission (USITC), no seguinte endereço eletrônico: <https://hts.usitc.gov/current>.

Mais informações podem ser encontradas na seção do [SGP dos EUA no site do MDIC](#).

41 mil sacaram FGTS em demissão por acordo após entrada em vigor da nova lei trabalhista

16/04/2018 – Fonte: G1

Nova lei trabalhista autoriza empregado a negociar com o patrão sua demissão e receber multa menor sobre o saldo do FGTS, de 20% em vez de 40%.

Com a entrada em vigor da nova lei trabalhista, ao menos 41 mil trabalhadores já fizeram saques do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS) após terem entrado em acordo com o empregador para serem demitidos, segundo dados do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE).

A nova lei trabalhista trouxe a possibilidade da demissão por comum acordo. Nessa modalidade, a empresa paga uma multa menor sobre o saldo do FGTS, de 20% em vez de 40%. O trabalhador pode ainda movimentar até 80% do valor depositado pela empresa na conta do FGTS. Por outro lado, fica sem direito ao seguro-desemprego.

O levantamento, realizado pelo MTE a pedido do **G1**, contempla o período de novembro de 2017, quando a nova lei entrou em vigor, a fevereiro deste ano. O total sacado nestes meses por 41.064 brasileiros totalizou R\$ 242 milhões, com um valor médio de R\$ 5.891 por trabalhador.

Por outro lado, caiu nos últimos meses o número de saques no FGTS por demissão sem justa causa. De novembro a fevereiro, foram 5,115 milhões de saques por este motivo ante um total de 5,662 milhões entre novembro de 2016 e fevereiro de 2017.

O valor sacado por essa categoria de demitidos desde a entrada em vigor da nova lei somou R\$ 22,16 bilhões, com um valor médio de R\$ 4.333 por trabalhador.

Nos casos de demissão sem justa causa e por decisão do empregador, o trabalhador desligado pode sacar o valor total do FGTS depositado pela empresa, além de multa de 40% sobre o saldo do FGTS.

Em fevereiro, 1,26 milhão de pessoas fizeram o saque do FGTS nesta situação, o que corresponde a uma quantidade 8% menor do que a registrada em fevereiro no ano passado (1,36 milhão), segundo os dados oficiais. A queda, entretanto, reflete também a relativa recuperação do mercado de trabalho, com a criação de 143 mil vagas formais nos 2 primeiros meses do ano.

Comparativamente, a quantidade de saques por demissão consensual ainda é muito pequena e equivale a menos de 2% do total de saques mensais de trabalhadores demitidos por decisão do empregador no país.

Saques do FGTS por demissão sem justa causa

Em nº de trabalhadores que fizeram retiradas na Caixa

Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego

Projeto prevê saque por quem pede demissão

A Comissão de Assuntos Sociais (CAS) do Senado aprovou no último dia 11 o projeto que altera a legislação para permitir que o trabalhador que pedir demissão também possa sacar o saldo do FGTS.

Atualmente, nessa hipótese, o trabalhador não pode movimentar a conta a ele vinculada no FGTS, a não ser que haja acordo entre empregado e empregador.

Segundo reportagem do "O Globo", os desligamentos espontâneos representam, em média, 36% das demissões sem justa causa e a mudança poderia impactar as contas do Fundo em até R\$ 28 bilhões por ano.

Se não houver recurso para análise do plenário do Senado, a proposta seguirá diretamente para análise da Câmara dos Deputados. Para entrar em vigor, é preciso de aprovação do Senado e da Câmara e ainda ser sancionada pela Presidência da República.

DEMISSÃO

Educação financeira: saiba de todos os seus direitos no caso de demissão

Atualmente, há outras hipóteses que os saques do FGTS estão liberados. Veja quais são:

- Na demissão sem justa causa;
- No término do contrato por prazo determinado;
- Na rescisão do contrato por extinção total da empresa; supressão de parte de suas atividades; fechamento de quaisquer de seus estabelecimentos, filiais ou agências; falecimento do empregador individual ou decretação de nulidade do contrato de trabalho - inciso II do art. 37 da Constituição Federal, quando mantido o direito ao salário;
- Na rescisão do contrato por culpa recíproca ou força maior;
- Na aposentadoria;
- No caso de necessidade pessoal, urgente e grave, decorrente de desastre natural previsto no Decreto n. 5.113/2004 ([clique aqui](#)), que tenha atingido a área de residência do trabalhador, quando a situação de emergência ou o estado de calamidade pública for assim reconhecido, por meio de portaria do Governo Federal;
- Na suspensão do Trabalho Avulso por prazo igual ou superior a 90 dias;
- No falecimento do trabalhador;
- Quando o titular da conta vinculada tiver idade igual ou superior a 70 anos;
- Quando o trabalhador ou seu dependente for portador do vírus HIV;
- Quando o trabalhador ou seu dependente estiver acometido de neoplasia maligna - câncer;
- Quando o trabalhador ou seu dependente estiver em estágio terminal, em razão de doença grave;
- Quando a conta permanecer sem depósito por 3 (três) anos ininterruptos cujo afastamento tenha ocorrido até 13/07/90, inclusive;
- Quando o trabalhador permanecer por 03 (três) anos ininterruptos fora do regime do FGTS, cujo afastamento tenha ocorrido a partir de 14/07/90, inclusive, podendo o saque, neste caso, ser efetuado a partir do mês de aniversário do titular da conta;
- Na amortização, liquidação de saldo devedor e pagamento de parte das prestações adquiridas em sistemas imobiliários de consórcio;
- Para aquisição de moradia própria, liquidação ou amortização ou pagamento de parte das prestações de financiamento habitacional concedido no âmbito do SFH.
- [FGTS](#)

Economia cresce 0,09% em fevereiro, segundo Banco Central

16/04/2018 – Fonte: Folha de S. Paulo

Analistas vem revisando para baixo expectativa para PIB

A atividade econômica brasileira teve uma pequena expansão em fevereiro, mostram dados divulgados nesta segunda-feira (16) pelo Banco Central.

O IBC-Br (Índice de Atividade Econômica do BC) cresceu 0,09% no mês retrasado. Em janeiro, houve queda, de 0,64%, de acordo com dados revisados pela autoridade monetária.

Analistas vêm revisando para baixo as expectativas para o PIB deste ano.

Segundo o último boletim Focus, do BC, a projeção média é de um crescimento de 2,76%. Há quatro semanas, a expectativa era de uma alta de 2,83%.

Em março, a projeção industrial cresceu somente 0,2%, o varejo teve queda de 0,2%, e serviços cresceram somente 0,1%, de acordo com dados do IBGE.

A percepção é que a economia ainda não engatou como era esperado e a recuperação ainda patina, cada vez mais dependente de um segundo semestre mais forte.

Serviços

Após a frustração com o desempenho da indústria e do varejo neste início de ano, os dados que faltavam para compor um quadro mais claro da atividade econômica no primeiro trimestre —os de serviços— colocaram uma pá de cal nas expectativas mais otimistas para o PIB (Produto Interno Bruto) de 2018.

A percepção é que, ancorada em dados vacilantes, a economia ainda não engatou como era esperado e a recuperação por ora patina, cada vez mais dependente de um segundo semestre mais forte.

O varejo dá sinais dúbios, afetado por 13 milhões de desempregados e um mercado de trabalho que reage na base da informalidade.

Desigualdade no Brasil é o dobro da oficial

16/04/2018 – Fonte: Tribuna PR

Ano a ano, pesquisas reforçam que o Brasil é um país desigual. Porém, um levantamento mostra que a concentração de renda é ainda mais alarmante do que as estatísticas oficiais reportam.

Dados divulgados na quarta-feira, 11, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontam que, em 2017, as famílias da classe A ganharam 22 vezes a renda das famílias das classes D/E. No entanto, esse abismo social tem quase o dobro do tamanho – a diferença entre os extremos da pirâmide é de cerca de 42 vezes.

Levantamento da Tendências Consultoria Integrada com base em dados da Receita Federal mostra que, em 2016, as famílias com renda mensal acima de 20 salários mínimos abocanhavam 38% da renda nacional. Já segundo os dados oficiais, da Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílios (Pnad), a classe A detinha apenas 14,9% da massa de renda.

Os economistas Adriano Pitoli e Camila Saito, responsáveis pelo estudo, fizeram uma espécie de Pnad “ajustada” para chegar a um número mais preciso sobre distribuição de renda. Para as famílias com ganhos de até cinco salários mínimos por mês, foram

utilizados os dados tradicionais da Pnad. Já para a população que ganha acima desse valor, foram consideradas as declarações de Imposto de Renda. Os dados de 2016 estão consolidados. Já o de 2017 é uma projeção com base no histórico, uma vez que as informações da Receita referentes a 2017 só serão divulgados ao final deste ano.

“Apesar de já apontar enorme desigualdade, a Pnad tende a subestimar os dados de renda, pois as pessoas não informam corretamente o seu rendimento”, diz Adriano Pitoli. Ele explica que a Pnad, por ser declaratória, não mensura de forma precisa algumas fontes de renda, como ativos financeiros, aluguéis e ganhos eventuais, como dividendos, indenizações e FGTS.

A pesquisa aponta ainda que a subestimação fica maior à medida que se avança na pirâmide. Nas famílias com renda de cinco a dez salários mínimos por mês, a massa de renda ajustada pela Receita é 25% maior do que a apurada pelo IBGE.

Entre os brasileiros que ganham entre 20 e 40 salários mínimos, o número ajustado é mais que o dobro do oficial – 159,6%. Já na faixa de brasileiros com ganhos acima de 160 salários, a diferença é gritante – quase 120 vezes maior.

“A desigualdade se deteriorou por conta da crise e o impacto é maior sobre as extremidades – os mais pobres e os mais ricos”, diz Pitoli.

Ele afirma que, se por um lado a significativa participação de empregadores na classe A (27% dos chefes de domicílio) possibilita reações mais agudas e rápidas em períodos de recessão ou de recuperação, o elevado peso de servidores nesse estrato tende a atenuar esse efeito. Além disso, a despeito das perdas com a crise, as classes mais altas tiveram um grande ganho financeiro nesse período, uma vez que os juros estavam em patamar elevado.

Mesmo a comemorada evolução da massa de renda real em 2017 (2,3%), após dois anos de retração, esconde desigualdade. Os empregadores foram os que tiveram maior queda de renda em 2016 (-6,8%), mas também, como apontou Pitoli, a mais rápida recuperação: alta de 12,4% no ano passado. Já entre os trabalhadores por conta própria, que cresceram em meio à alta do desemprego, praticamente não houve melhora (0,1%).

Tamanho do bolo

A pesquisa também mostra que o País, apesar de mais desigual, é mais rico – com o ajuste, a massa de renda total cresceu 50,4% em relação à apurada pelo IBGE.

“Apesar de o ‘bolo ter aumentado’, a renda não foi acompanhada por crescimento econômico”, observa Marcelo Neri, ex-presidente do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e pesquisador do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV).

“Nós já saímos da recessão, mas o desenvolvimento precisa vir da produtividade partilhada – que cresce mais na base. E isso acontece com educação e incentivo a pequenos negócios.”

Sobe 2% venda de material de construção no 1º tri

16/04/2018 – Fonte: Folha de S. Paulo

No acumulado de 12 meses, porém, faturamento registra queda de 1,6%

O faturamento deflacionado da indústria de material de construção cresceu 2,1% no acumulado do primeiro trimestre de 2018, após pico de aumento em dezembro do ano passado, segundo Abrammat, associação do setor.

“Metade da receita da indústria veio do varejo, e isso é reflexo da retomada da economia”, diz Rodrigo Navarro, presidente da entidade.



Receita deflacionada do setor de material de construção cresceu 2,1% no acumulado do primeiro trimestre do ano - Mateus Bonomi/Folhapress

A melhora nos indicadores econômicos é um sinal para a volta do consumo, afirma Fernando Brantis, diretor de operações da Mexichem Brasil, proprietária da Amanco.

“Com uma perspectiva melhor, as pessoas começam a ter mais confiança para investir em uma reforma.”

No acumulado de 12 meses, porém, a receita registra queda de 1,6%.

“A retomada é gradativa. Não adianta achar que o setor vai decolar, porque não vai”, diz Nelson Teixeira, diretor comercial da Deca.

Apesar do desempenho positivo no primeiro trimestre deste ano, a crise econômica não está totalmente superada, diz Otto von Sothen, presidente do Grupo Tigre.

“A construção civil segue lenta. Ainda há um estoque elevado de imóveis novos.”

Além disso, decisões importantes para a área de infraestrutura, que impulsiona as vendas da indústria, não devem ser tomadas neste ano de eleição, afirma Navarro.

Despesas básicas sobem mais que a inflação e tiram R\$ 14,5 bi do consumo

16/04/2018 – Fonte: Tribuna PR

A escalada dos preços da energia elétrica e da gasolina, acima da inflação, tem corroído o orçamento das famílias brasileiras, apesar do aumento da massa salarial. De janeiro de 2015 para cá, o percentual de renda disponível – depois do pagamento de despesas essenciais – caiu quase dois pontos percentuais, de 45,6% para 43,76%. É o menor patamar desde 2009. Isso significa que o brasileiro poderia estar consumindo, a mais, algo em torno de R\$ 14,5 bilhões.

Levantamento da Tendências Consultoria Integrada mostra que a despesa que mais avançou sobre o orçamento do brasileiro foi a gasolina, que subiu de 4,86% para 5,6% no período. O resultado é reflexo especialmente da nova política de preços da Petrobrás, que agora repassa de forma imediata o sobe e desce do petróleo no mercado internacional.

De meados do ano passado até o início deste ano, o preço do combustível na bomba subiu 19,5%. Em janeiro de 2015, o litro da gasolina era vendido a um preço médio de R\$ 3,032 no País; neste mês, o valor está em R\$ 4,219, segundo a Agência Nacional de Petróleo (ANP).

A conta de luz seguiu a mesma trajetória. O peso na renda das famílias subiu de 2,94% para 3,44%. O agravante é que até o fim do ano a participação no orçamento vai aumentar ainda mais, segundo projeções da Tendências: deve subir para 3,89%. A explicação está nas estimativas da Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel), que

prevê reajuste médio acima de 10% nas contas neste ano. Em alguns casos, a alta deve superar a casa dos 20% por causa da entrada em operação de usinas térmicas para compensar os reservatórios baixos das hidrelétricas.

O orçamento das famílias, segundo a Tendências, só não está mais apertado porque o arrefecimento dos preços dos alimentos tem compensado parte do aumento da conta de luz, da gasolina, do gás de cozinha, dos planos de saúde e da educação. Além disso, a renda do trabalho voltou a crescer em 2017 e continua ascendente, diz a analista da Tendências, Isabela Tavares.

Na prática, a queda dos percentuais representa um freio para a retomada da economia. O ritmo do avanço do consumo poderia estar maior, diz o economista Adriano Pitoli, sócio da Tendências.

Ele destaca que, para ajustar os aumentos à renda, o brasileiro acaba reduzindo o consumo de bens e serviços considerados supérfluos, como vestuário e bens duráveis. Em fevereiro, as vendas do varejo caíram 0,2% – o pior resultado para o mês desde 2015 –, e um sinal de que a recuperação será mais lenta do que se esperava.

Em três anos, o peso de quase todos os itens essenciais aumentou no orçamento das famílias. As exceções foram alimentos, cuja participação caiu de 16,15% para 15,8%, e telecomunicações, de 4,20% para 3,64%.

IGP-10 de abril fica em 0,56% ante 0,45% em março, revela FGV

16/04/2018 – Fonte: Tribuna PR

O Índice Geral de Preços – 10 (IGP-10) avançou 0,56% em abril, após o aumento de 0,45% registrado em março, informou nesta segunda-feira, 16, a Fundação Getúlio Vargas (FGV). O resultado agora anunciado ficou dentro das projeções dos analistas do mercado financeiro ouvidos pelo Projeções Broadcast, que esperavam um avanço de 0,15% a 0,57%, com mediana positiva de 0,43%.

No caso dos três indicadores que compõem o IGP-10 de abril, os preços no atacado medidos pelo IPA-10 tiveram alta de 0,70% no mês, ante uma elevação de 0,63% em março. Os preços ao consumidor verificados pelo IPC-10 apresentaram crescimento de 0,28% em abril, após a alta de 0,10% em março. Já o INCC-10, que mede os preços da construção civil, teve aumento de 0,30% em abril, depois de um avanço de 0,12% em março.

O IGP-10 acumulou um aumento de 2,04% no ano. A taxa em 12 meses ficou positiva em 1,31%.

O período de coleta de preços para o indicador de abril foi do dia 11 de março a 10 deste mês. O IGP-DI, que apurou preços do dia 1º a 31 do mês passado, subiu 0,56%, segundo a FGV.

IPAs

Os preços agropecuários medidos pelo IPA Agrícola subiram 3,45% no atacado em abril, após um aumento de 2,03% em março, dentro do IGP-10, informou a FGV. Já os preços dos produtos industriais, que são mensurados pelo IPA Industrial, tiveram queda de 0,21% este mês, após o avanço de 0,18% no atacado em março.

Dentro do Índice de Preços por Atacado segundo Estágios de Processamento (IPA-EP), que permite visualizar a transmissão de preços ao longo da cadeia produtiva, os preços dos bens finais tiveram alta de 0,77% em abril, ante uma elevação de 0,09% em março.

Os preços dos bens intermediários tiveram avanço de 0,85% em abril, após alta de 0,49% no mês anterior. Já os preços das matérias-primas brutas apresentaram elevação de 0,43%, depois do aumento de 1,49% em março.

IPC-S sobe 0,35% na 2ª quadrissemana de abril após 0,31% na anterior, diz FGV

16/04/2018 – Fonte: Tribuna PR

O Índice de Preços ao Consumidor – Semanal (IPC-S) subiu 0,35% na segunda quadrissemana de abril após 0,31% na primeira leitura do mês, conforme informou a Fundação Getulio Vargas (FGV) na manhã desta segunda-feira, 16.

Das oito classes de despesas analisadas, quatro avançaram: Habitação (0,32% para 0,44%), Saúde e Cuidados Pessoais (0,61% para 0,73%), Educação, Leitura e Recreação (0,06% para 0,13%) e Comunicação (0,04% para 0,05%).

Já os segmentos que registraram desaceleração entre a primeira quadrissemana de abril e a segunda medição do mês foram Transportes (0,28% para 0,26%), Despesas Diversas (0,02% para -0,03%), Vestuário (0,47% para 0,44%) e Alimentação (0,29% para 0,28%).

Juros caem há 16 meses, mas taxa do cheque especial não sai do lugar

16/04/2018 – Fonte: Folha de S. Paulo

Um ano e quatro meses depois do início do corte dos juros pelo governo, a taxa cobrada pelos bancos no cheque especial praticamente não saiu do lugar.

O comportamento foge à regra das demais linhas de crédito à pessoa física e também é atípico quando comparado às taxas do cheque especial no passado, em outros quatro ciclos de corte dos juros analisados pelo Banco Central desde 2002.



BC observou dados de crédito para explicar como bancos estão repassando quedas dos juros a consumidores - Fernando Frazão/Folhapress

O BC mergulhou nos dados históricos de crédito para investigar como os bancos estão repassando as quedas da taxa básica de juros a consumidores e empresas. Nos últimos meses ganharam corpo críticas de que as instituições represaram o afrouxamento, o que teve como resultado taxas de mercado mais elevadas do que se poderia esperar com a Selic no piso histórico de 6,5% ao ano.

A conclusão do BC é que as taxas cederam com a Selic, menos a do cheque especial.

INTERVENÇÃO

No caso dos juros do rotativo do cartão de crédito, o recuo só começou após a intervenção do BC, em março de 2017, quando a autoridade proibiu que as dívidas fossem roladas sem limite, gerando um efeito bola de neve. Quem não consegue pagar após um mês tem que ser direcionado para uma linha mais barata.

Na semana passada, a Febraban (federação dos bancos) anunciou ação parecida no cheque especial —correntistas endividados há mais de um mês terão a opção de mudar para outra modalidade de crédito mais barata, cortando a escalada do débito.

Para o economista Roberto Troster, que já atuou na Febraban, isso poderá levar a aumento de taxas em outras linhas. Se é verdade que a taxa do rotativo do cartão caiu, diz ele, o juro cobrado no parcelamento da dívida ficou quatro vezes mais caro.

A rigidez de queda dos juros no cheque especial, segundo a Febraban, se deve à inadimplência elevada nessa linha “bem mais alta que a média das linhas de crédito para pessoa física”.

Em fevereiro, mais recente dado disponível, a inadimplência foi de 13,6%, mais que o dobro do calote no crédito à pessoa física (5,1%). Os juros são quase cinco vezes mais altos —324% ante 58% ao ano.

O diferencial de taxas, que sempre existiu, explodiu a partir de 2014 (quando o calote aumentou), mas não refluíu e hoje está no ponto máximo. Não à toa o BC colocou o cheque especial na mira.

O diretor de Política Monetária do BC, Carlos Viana, afirma que é um erro esperar que as taxas bancárias caiam na mesma proporção da Selic, uma que vez ela é apenas um dos componentes do spread (diferença entre a taxa que os bancos captam dinheiro e a que emprestam).

Impostos, custos operacionais, perdas com inadimplência e lucros compõem a taxa final, numa combinação que varia para cada modalidade.

Segundo Viana, o BC tem atuado em outras frentes, como o incentivo à competição via estímulo às fintechs e a redução de obrigações (como depósito compulsório, dinheiro que os bancos têm de deixar parado).

Caixa anuncia redução de juros e aumento do valor financiado para a casa própria

16/04/2018 – Fonte: G1

Banco voltou a financiar 70% do imóvel usado; redução é de até 1,25 ponto percentual no crédito imobiliário que usa recursos do Sistema Brasileiro de Poupança e Empréstimo.

A Caixa Econômica Federal anunciou nesta segunda-feira (16) a redução dos juros para financiamento da casa própria e o aumento do percentual do valor a ser financiado para compra de imóvel usado. As mudanças, que começam a valer hoje, são para linhas de financiamento que utilizam recursos do Sistema Brasileiro de Poupança e Empréstimo.

Para compra de imóveis pelo Sistema Financeiro Habitacional (SFH), onde estão enquadrados os imóveis residenciais de até R\$ 800 mil para todo o país, exceto para Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Distrito Federal, cujo limite é de R\$ 950 mil, a taxa mínima de juros caiu de 10,25% para 9% ao ano.

Para imóveis enquadrados no Sistema de Financiamento Imobiliário (SFI), cujos valores dos imóveis são acima dos limites do SFH, a taxa mínima caiu de 11,25% para 10% ao ano.

O percentual do valor a ser financiado dos imóveis usados subiu de 50 para 70%. Para unidades novas, foi mantido o percentual de 80% no teto do financiamento.

Taxa de juros da casa própria anunciadas pela Caixa (Foto: Juliane Monteiro/G1)

Taxas congeladas há 17 meses

A última redução de juros aconteceu em novembro de 2016, quando a Caixa anunciou queda de 0,25 ponto percentual ao ano para todas as linhas. Ou seja, as taxas estavam congeladas há 17 meses.

Já o limite para financiamento de imóveis usados foi reduzido duas vezes no ano passado: para 60% em agosto e para 50% em setembro.

A Caixa anunciou ainda a retomada do financiamento de operações de interveniente quitante (imóveis com produção financiada por outros bancos) com financiamento de até 70%.

O banco informou que possui R\$ 82,1 bilhões para o crédito habitacional neste ano. Segundo o presidente da Caixa, Nelson Antônio de Souza, a redução das taxas de juros facilita o acesso à casa própria, além de estimular o mercado imobiliário e a geração de empregos.

"Vai fazer com que se produza mais empreendimento na construção civil, ela vai fazer com que tenhamos mais financiamentos imobiliários e isso tem em instância final a geração de emprego e renda", afirma Nelson Antônio de Souza, presidente da Caixa. A iniciativa, segundo consultores, pode aquecer o mercado de imóveis que está há bastante tempo a espera de compradores. Mesmo assim, economistas dizem que comprar um imóvel para pagar a longo prazo exige planejamento.

"O pegador de crédito deveria ter essa consciência, dinheiro ainda está caro. Sob esse ponto de vista é muito melhor ainda, por mais que a taxa de juros tenha caído, as pessoas se planejam, fazem as contas para tentar não antecipar esse crédito, tentar poupar e para depois comprar o imóvel", afirma o economista José Kobori.

Linha Pró-Cotista

Não houve alteração na linha Pró-Cotista, que teve o teto de financiamento elevado para 70% em janeiro nos imóveis usados.

A linha Pró-Cotista é destinada a trabalhadores com conta no FGTS (Fundo de Garantia do Tempo de Serviço) e oferece taxas de juros que variam de 7,85% (clientes com débito em conta ou conta-salário) a 8,85% ao ano.

Klabin voltou ao ritmo pré-crise

16/04/2018 – Fonte: Tribuna PR

No começo deste ano, a Klabin, fabricante de celulose, papel para embalagens e embalagens de papel, voltou a produzir no ritmo pré-crise. As 17 fábricas da companhia no Brasil operam hoje a plena carga. Entre papel e embalagens, a capacidade das fábricas soma 2 milhões de toneladas por ano.

"Os nossos números são melhores do que a média apurada pela CNI (Confederação Nacional da Indústria)", afirma o diretor comercial de papéis da empresa, Flávio Deganutti. Nas contas da CNI, entre novembro de 2017 e fevereiro de 2018, a produção do setor de papel, celulose e produtos de papel ocupou, em média, 88,3% da capacidade das fábricas.

Deganutti diz que 2017 começou ainda influenciado pelo cenário de crise no mercado interno. Mas, com o passar do tempo, o quadro foi mudando para melhor. Enquanto

isso, as exportações continuaram firmes. O resultado dessa reação do mercado interno levou à contratação de funcionários e as fábricas operando com três turnos.

Douglas Dalmasi, diretor de embalagens da empresa, explica que no setor em que operam há vários cenários. O grande impulso para o crescimento da produção vem das caixas de papelão usadas pela indústria de alimentos. No entanto, desde o segundo semestre do ano passado a procura por sacos industriais usados pelos fabricantes de cimento começou a crescer.

Diante do avanço da demanda, a empresa disse avaliar investimentos na modernização de fábricas e até uma nova unidade.

Vale reduz produção de minério de ferro em 4,9%; vendas crescem

16/04/2018 – Fonte: Reuters

A produção de minério de ferro da Vale caiu 4,9 por cento no primeiro trimestre ante o mesmo período de 2017, para 81,95 milhões de toneladas, devido principalmente à decisão de reduzir a produção de produtos de menor qualidade e a chuvas intensas, informou a empresa nesta segunda-feira.

Na comparação com o quarto trimestre de 2017, a produção caiu 12,2 por cento. Entretanto, segundo a Vale, as vendas da commodity cresceram 9 por cento nos primeiros três meses do ano em relação ao mesmo período do ano passado, para 71,221 milhões de toneladas.

Com isso, os volumes de venda de minério de ferro e pelotas atingiram um recorde de 84,3 milhões de toneladas para um primeiro trimestre, alta de 6,4 milhões de toneladas ante o mesmo período do ano passado.

A alta das vendas, segundo a Vale, ocorreu como resultado da flexibilidade e gestão ativa da cadeia de logística, que contribuiu para a realização de preço e margem.

“O mix de vendas da Vale melhorou substancialmente ano contra ano, como resultado do ‘ramp up’ de S11D e da decisão de reduzir progressivamente a produção de minério de baixa qualidade”, disse a companhia em seu relatório de produção.

A participação da venda de pelotas, finos de Carajás e minério blendado aumentou para 76 por cento no primeiro trimestre, contra os 67 por cento sobre as vendas totais ante o mesmo período do ano passado.

Conseqüentemente, apontou a Vale, o mix de vendas dos produtos da Vale alavancou o impacto do prêmio de mercado, levando a um aumento na qualidade e prêmio médio do preço “CFR/FOB wmt” realizado, que totalizou 5,2 dólares por tonelada no primeiro trimestre deste ano, ante 2,3 dólares no primeiro trimestre de 2017.

Oferta de alumínio corre risco por corte de produção no Brasil e sanções contra a Rússia, diz Hydro

16/04/2018 – Fonte: Reuters

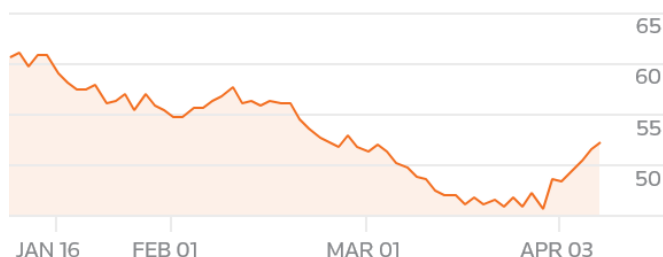
O mercado global de alumínio corre o risco de escassez de oferta por causa das sanções adicionais dos Estados Unidos contra a Rússia, bem com os cortes de produção no Brasil pela Norsk Hydro, disse à Reuters o presidente-executivo da Hydro.

Presidente-executivo da Hydro, Svein Richard Brandtzaeg, durante cerimônia em Grevenbroich, na Alemanha 04/05/2017 REUTERS/Wolfgang Rattay

Indústrias que vão desde de as fabricantes de automóveis a produtores de refrigerantes se preocupam com entregas e aumentos de preços acentuados, disse Svein Richard Brandtzaeg em uma entrevista.

Durante o fim de semana, a Hydro realizou uma redução de 50 por cento produção da Albras, como alertado anteriormente, desencadeada por uma disputa não resolvida em sua refinaria de alumina Alunorte, que fornece a matéria-prima principal.

Os preços do alumínio CMAL3 atingiram os níveis máximos de seis anos na Bolsa de Metais de Londres nesta segunda-feira, dando sequência ao movimento de alta que começou quando os Estados Unidos impuseram sanções contra a UC Rusal, o segundo maior produtor mundial, assim como os cortes da própria Hydro.



“Há uma escassez de alumina, e também haverá escassez de alumínio, a menos que a Rusal possa encontrar novos mercados rapidamente”, disse Brandtzaeg na sede da Hydro em Oslo.

Podemos elevar “muito mais” nossa produção de cobre, diz presidente do Peru

16/04/2018 – Fonte: Tribuna PR

O presidente do Peru, Martín Vizcarra, afirmou que o potencial de seu país para produzir cobre é “muito maior” do que o patamar atual. O Peru é o segundo maior produtor do metal, mas Vizcarra diz que o setor tem sido contido por conflitos sociais, em referência à oposição de comunidades rurais preocupadas com a poluição.

O diálogo para explicar os benefícios da mineração e melhorias técnicas para limitar a contaminação podem resolver isso, defendeu Vizcarra. Como governador, ele já ajudou a contornar a oposição a uma grande mina de cobre no país.

“A questão ainda é social”, comentou, conforme investimentos começam a retornar ao setor, diante da melhora nos preços do metal.

“Não há outro mecanismo a não ser falar com as pessoas”, disse o presidente peruano.

Brasil tem poucas alternativas à adoção de cotas de exportação de aço, diz especialista

16/04/2018 – Fonte: Inda

O restrito poder de barganha do Brasil no comércio mundial deixa poucas alternativas à adoção de cotas voluntárias de exportação de aço, afirmou Lia Valls Pereira, economista do Ibre/FGV e professora da Uerj.

De acordo com a especialista em relações comerciais internacionais, a situação é ainda mais grave diante do desprezo do governo Trump pela Organização Mundial do Comércio (OMC) e da erosão de mecanismos multilaterais.

Como O GLOBO publicou na quinta-feira, o secretário de Comércio dos EUA, Wilbur Ross, indicou ao Itamaraty que uma das possibilidades de o Brasil ser excluído das sobretaxas de 25% nas importações de aço é se houver um acordo de restrição voluntária de exportações. Em outras palavras, as vendas para o mercado americano obedeceriam a uma cota limitada de produtos, para fugirem das restrições.

A adoção de uma cota voluntária para o aço, como proposto pelos EUA, é uma saída plausível para que o Brasil escape da tributação maior?

Primeiramente, essa questão não é nova. Nos anos 1970, houve um volume imenso de investimento na siderurgia americana. Na década seguinte, a indústria, após esse período de expansão de capacidade, começou a pedir maior proteção e investigação sobre subsídios.

O Brasil foi campeão dessas investigações. O objetivo era fazer uma pressão: você prefere ficar toda hora sendo alvo de investigação ou assumir uma cota voluntariamente cotas, os chamados Acordos Voluntários de Restrição às Exportações (AVRE)?

O Acordo Geral de Tarifas e Comércio (Gatt, na sigla em inglês, que antecedeu a atual Organização Mundial do Comércio, a OMC) proibia cotas de importação, então essa foi uma saída encontrada. O Brasil, juntamente com vários outros países, assinou esses acordos em meados dos anos 1980.

Eles duraram muito tempo, até que a Rodada de Uruguai, encerrada em 1994, decidiu que esses acordos eram proibidos, salvo sob certas circunstâncias. O problema é que essas circunstâncias ainda precisam ficar mais claras para a OMC.

Então, trata-se de Trump repetindo Reagan?

Sim, embora o mundo de hoje seja um pouco diferente. Na época do Reagan, ele justificava suas decisões alegando que o mundo era muito fechado enquanto os EUA eram muito abertos. É claro que isso era apenas um discurso para justificar um ímpeto protecionista, mas o discurso em prol de uma maior abertura mundial existia. No caso de Trump, ele não parece muito interessado nesse tipo de discurso, o que gera repercussões diplomáticas.

Mas o Brasil deve acabar adotando a cota voluntária?

Tudo vai depender dos interesses da siderurgia brasileira e de como o governo vai avaliar a questão, mas a verdade é que não há muitas alternativas para o Brasil. É algo meio que inevitável. Nos anos 1980, havia mais mercados ainda pouco explorados para diversificação. Não é o caso hoje.

Não vendemos mais produto siderúrgico para a China, por exemplo, apenas minério. A grande questão é que o Brasil não tem qualquer poder de barganha diante dos EUA. Tudo isso é péssimo pois mostra que o país não tem força suficiente para contrapor esse tipo de política imposta por Trump, o que pode acabar reafirmando essa postura.

Qual seria a alternativa?

Se o Brasil achar que não essa saída não se sustenta, ele pode entrar na OMC por meio de um mecanismo para solução de controvérsia. O problema é que o Trump não dá muita atenção à OMC e usou como justificativa para sua política protecionista do aço a defesa nacional, sobre a qual ainda não há visão consolidada na própria organização.

Quando dois grandes parceiros entram em rota de colisão no comércio, como EUA e China, quais são as consequências para o Brasil?

Por enquanto, trata-se de algo muito especulativo. O que podemos dizer é que é ruim para o Brasil porque, dado seu restrito poder de barganha, o país precisa da

consolidação de mecanismos multilaterais. Uma guerra comercial esvazia a dimensão multilateral, tornando ainda mais vulnerável a situação de países com nosso perfil.

Temer diz que governo brasileiro vai examinar proposta dos EUA sobre aço

16/04/2018 – Fonte: Inda

Em meio às negociações com o governo americano para que o Brasil seja excluído das sobretaxas de 25% nas importações de aço, o presidente Michel Temer disse nesta sexta-feira que vai analisar a última proposta dos Estados Unidos — a exclusão do país na taxação se houver acordo de restrição voluntária nas exportações. Isso significa que as vendas para o mercado norte-americano seguiriam uma cota limitada de produtos para fugirem das restrições.

A proposta foi discutida nesta sexta-feira entre o chanceler brasileiro, Aloysio Nunes, e o secretário de Comércio dos Estados Unidos, Wilbur Ross, na capital peruana. Temer disse que o foco é resolver o quanto antes essa questão junto ao governo dos EUA.

— Isso está sendo examinado pelo Mdic, vamos examinar. O que queremos é resolver essa questão da tarifa muito acentuada em cima do aço e do alumínio — afirmou o presidente, que chegou em Lima hoje para participar da Cúpula das Américas.

Segundo interlocutores que participaram da conversa desta sexta, Ross não foi direto em relação a uma possível redução das exportações brasileiras, mas teria citado a Coreia do Sul.

No fim do mês passado, os sul-coreanos conseguiram a isenção permanente da sobretaxa de aço exportado para os EUA, sob a condição de reduzir cerca de 30% dos produtos siderúrgicos enviados ao mercado americano. Primeiro país a ser excluído definitivamente da medida protecionista, a Coreia terá de se submeter a uma cota de 2,68 milhões de toneladas por ano.

Servil aos EUA, Temer se mostra disposto a aceitar cota para o aço

16/04/2018 – Fonte: Inda

O presidente Michel Temer afirmou nesta sexta-feira que o Brasil irá examinar proposta norte-americana de adotar cotas de exportação para o aço brasileiro, mas disse que não gostaria de comentar a possibilidade neste momento.

“Isso está sendo examinado pelo MDIC (Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços), vamos examinar esse assunto. O que queremos é resolver a questão da tarifa muito acentuada. Essa resposta não quero dar agora”, disse Temer em Lima, onde chegou nesta sexta-feira para participar da Cúpula das Américas.

Na quinta-feira, em conversa com o ministro das Relações Exteriores, Aloysio Nunes, o secretário de Comércio dos Estados Unidos, Wilbur Ross, indicou que as cotas seriam o caminho mais rápido para fechar a negociação e tirar o Brasil do risco de ser sobretaxado.

O Brasil foi isentado temporariamente de tarifas de importação de aço (25 por cento) e alumínio (10 por cento) impostas pelos EUA no mês passado até 30 de abril. A isenção vale enquanto os países negociam uma solução definitiva.

O presidente também foi questionado sobre o andamento das discussões em torno de uma potencial aliança entre a Embraer e a Boeing, mas ele afirmou que ainda não recebeu uma nova proposta de combinação que chegou ao governo brasileiro nesta semana.

Duas fontes com conhecimento do assunto afirmaram à Reuters na véspera que a proposta para aliança das empresas chegou ao governo na terça-feira e que Temer vai avaliá-la nas próximas semanas.

A vez do carro importado: queda no imposto faz setor crescer 48%

16/04/2018 – Fonte: Gazeta do Povo

Com o fim da cobrança da sobretaxa de 30% do IPI sobre importados, cresce a importação de veículos pelo Brasil



Enquanto o novo regime automotivo não sai, o mercado de automóveis segue aquecido no Brasil. Em especial, o setor de automóveis importados. Foram importados 50.876 veículos entre janeiro e março de 2018 contra 34.345 carros no mesmo período de 2017 – um aumento de 48% no primeiro trimestre. Os dados foram divulgados pelo Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC) na segunda-feira (2).

Com relação aos valores, o crescimento foi ainda maior. Dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex) indicam aumento de 76% nos valores de automóveis trazidos do exterior no primeiro trimestre do ano. De janeiro a março de 2017, a importação de automóveis totalizou US\$ 540 milhões. Já no primeiro trimestre de 2018, esse número aumentou para US\$ 922 milhões.

Crescimento da importação se deve à queda do imposto

Para o consultor automotivo, Raphael Galante, o aumento das importações de veículos no país pode ser explicado pelo fim do programa Inovar-Auto, conjunto de diretrizes para a indústria automotiva que vigorou de 2013 a 31 de dezembro de 2017. O Inovar-Auto impunha uma alíquota adicional de 30% de IPI sobre os carros importados.

“Esse protecionismo à indústria nacional está impedindo que o setor automotivo evolua”, afirma Galante, que considera o Inovar-Auto uma “medida sem fundamento”.

De acordo com o consultor, depois de finalizado o “bloqueio” do Inovar-Auto, o mercado se autorregulou. “Quanto mais concorrência no mercado, melhor. O consumidor ganha com novos e melhores produtos.”

Galante lembra ainda que o regime de protecionismo da indústria automotiva nacional foi criticado pela própria Organização Mundial do Comércio (OMC), no fim de 2016. À época, a OMC considerou que as regras do Inovar-Auto vão contra o tratado de 1994 que regula o comércio internacional e que zela por condições iguais de competição. Galante diz também que o programa desacelerou o crescimento de montadoras que não têm fábrica no Brasil, como as chinesas JAC e Chery.

Governo prepara novo programa automotivo: o Rota 2030

O cenário agora é de expectativas para o lançamento do novo programa, o Rota 2030, que substituirá o Inovar-Auto entre 2018 e 2032. O projeto que vai decidir os rumos da indústria automotiva no Brasil nos próximos 15 anos deveria ter entrado em vigor em janeiro, depois da realização de mais de 100 reuniões entre governo, fabricantes de veículos e autopeças.

O atraso para a oficialização do programa pode ser devido ao posicionamento do ex-Ministro da Fazenda Henrique Meirelles, um dos principais opositores do Rota 2030.

Meirelles deixou o cargo no início do mês para concorrer à Presidência, deixando o caminho livre para o novo regime automotivo.

O Rota 2030 abrangerá todos os pontos da indústria automotiva brasileira, como tributação, incentivos a pesquisa e desenvolvimento, segurança veicular e regras para carros híbridos e elétricos.

O ponto controverso do programa diz respeito ao desconto concedido ao setor com dedução de impostos de até R\$ 1,5 bilhão por ano. De um lado o Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC) é favorável a um programa de incentivos fiscais para fabricantes que alcançarem metas de eficiência energética e investimentos em pesquisa e desenvolvimento. Do outro lado, o Ministério da Fazenda é contra o abatimento do valor em impostos.

Para o consultor automotivo Raphael Galante, o Rota 2030 deve ser "mais do mesmo".

Manual de veículos fica maior, mais indecifrável e dá lugar a aplicativos

16/04/2018 – Fonte: Folha de S. Paulo

Cinquenta anos atrás, o manual de bordo de um carro tinha cerca de 50 páginas. Hoje, os guias de veículos feitos no Brasil têm mais de 350 páginas, todas repletas de termos técnicos que mudam de marca para marca.

Os avanços tecnológicos encorparam os manuais, que passaram a trazer também, além de dados técnicos sobre o funcionamento do modelo, informações sobre segurança e emissão de poluentes.

"As explicações são confusas, as empresas deveriam ter mais cuidado nessa comunicação com leigos, e quem tem tempo e paciência para ler esses calhamaços? Muitas vezes procuro direto na internet, está tudo lá", critica o analista de sistemas Alexandre Curvello dos Santos, 49.



O analista de sistemas Alexandre Curvello dos Santos, 49, em frente ao seu Nissan Versa

Ele conta que enfrentou dificuldades quando trocou seu antigo Ford Focus por um Nissan Versa e buscou orientações sobre como configurar o sistema bluetooth do carro.

Curvello demorou para encontrar as instruções no manual e só conseguiu fazer a conexão com o telefone após consultar um tutorial disponível na internet.

A falta de padronização costuma gerar muitas dúvidas entre os motoristas.

A Peugeot divulga a capacidade do porta-malas do hatch 308 considerando, literalmente, litros de água. É um padrão diferente da norma alemã VDA, que consiste

em empilhar tijolos de isopor semelhantes a caixas de leite longa vida até que o espaço seja totalmente ocupado, como no Volkswagen Golf.

Nas fichas técnicas dos modelos vendidos pela Ford, o torque dos motores é expresso em Nm (newton-metro). Na Fiat, em kgfm (quilograma-força por metro).

Consultada, a ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas) disse por meio de nota que os manuais são elaborados de acordo com regras internas dos próprios fabricantes, e declarou-se incapaz de dizer como as instruções poderiam se tornar mais acessíveis aos usuários.

Líder em vendas no mercado brasileiro, a Chevrolet argumenta que o manual é pouco usado e serve mais para dúvidas específicas, em geral relacionadas à manutenção, segundo pesquisas feitas com seus clientes.

"A confecção dos manuais de bordo envolve um time de especialistas de diversas áreas, os textos seguem obrigatoriamente uma linguagem acessível ao usuário", afirma Renato Bibó, gerente de pós-vendas da Chevrolet.

Contudo, basta uma consulta aos manuais de carros vendidos no Brasil para encontrar estrangeirismos, siglas e instruções complexas.

Para facilitar a compreensão, as marcas investem em tecnologia. A Volkswagen lançou, em parceria com a IBM, um aplicativo que usa inteligência artificial para responder dúvidas.

Se uma luz de advertência surgir no painel do sedã Virtus, o motorista pode fazer uma foto do problema e pedir para o aplicativo do sistema dar um veredito, sem intervenção humana.

Na Chevrolet, o sistema On Star permite fazer consultas a uma central de atendimento para solicitar informações técnicas do automóvel.

A Citroën informa que atualizará seu aplicativo no segundo semestre e será possível buscar termos no manual digital por palavras-chave.

Mas nem tudo pode ser simplificado, avisa. "Tópicos mais simples têm textos menores, mas há aqueles complexos, como a configuração da central multimídia. Não tem jeito, é quase um manual dentro do manual", diz Fábio Alves, gerente de produto da marca no Brasil.

Segundo Alves, o trabalho é longo: a confecção do manual começa nove meses antes de o carro ser lançado.

Tradução é chave para elevar qualidade de manuais técnicos

16/04/2018 – Fonte: Folha de S. Paulo

A qualidade da tradução dos manuais de carros, móveis importados e equipamentos tecnológicos é baixa e piorou nos últimos anos.

A opinião é do tradutor Márcio Sibanto, que ministra um módulo voltado apenas para tradução de manuais no curso de formação da Brasillis Idiomas, no Rio.

Isso porque muitas organizações passaram a optar pelas ferramentas automáticas, que cortam custos mas resultam em um material difícil de compreender.

"Há empresas que acham desnecessário gastar com um tradutor profissional", diz.

A indústria automobilística é uma das que investem em sistemas automatizados desde o início dos anos 2000 e só conta com os tradutores na hora de conferir o material e alimentar os computadores com novas palavras.

"Mas fazer uma boa tradução de um manual, por exemplo, é um diferencial que pesa na segurança dos clientes e no desempenho de seus produtos", diz Ricardo Souza, da Abrates (Associação Brasileira de Tradutores).

Para Souza, a qualidade desses materiais pode subir com a ajuda dos tradutores, que juntam o uso correto da terminologia técnica com um texto claro, daqueles que nem parecem ter sido traduzidos.

Rafael Roncato/Folhapress



As tradutoras Paula Ianelli (esq.) e Luiza Levy, na escola de idiomas Alumni, em SP. Não vale pedir ao profissional uma "revisão" que exija refazer todo o material, como já aconteceu com a tradutora Luiza Levy, 35.

"Não daria para trabalhar sem o texto original ao lado, que precisava consultar sempre. Nesse tipo de material, você não pode deixar passar nenhum erro", conta.

A química Val Ivonica, 46, lida com um tema delicado. Especializada na área de saúde há 15 anos, ela traduz manuais de equipamentos hospitalares e de laboratórios, além de programas usados em exames médicos.

"Leio muitos textos em português e em inglês para entender, além da terminologia, o estilo desse tipo de texto e redigir tudo de forma mais clara", diz Ivonica.

Segundo a química, cada área tem um jeito diferente de escrever. "Erros podem causar um problema sério." Ivonica conta que tem um glossário com 7.000 termos específicos de seu setor.

Para encarar a concorrência de pessoas e de máquinas e entregar um material que seja correto e compreensível para seu leitor, o aspirante a tradutor precisa, além do conhecimento técnico, ter domínio do português e da língua estrangeira.

Um caminho é investir na graduação em letras com ênfase em tradução. "Quem tem outros diplomas deve entender que não basta conhecer o jargão, mas também as técnicas para traduzir", diz a doutora em estudos linguísticos e literários Alzira Allegro, da PUC-SP (Pontifícia Universidade Católica).

Uma opção para adquirir esse conhecimento é a especialização, via pós ou cursos de formação específicos da área, que variam de 15 a 24 meses.

Sai na frente o profissional que se interessa por assuntos diversos. "Trabalhamos com temas variados, por isso a pessoa tem que gostar muito de estudar e conhecer um pouco de tudo para se dar bem na carreira", diz Maria Luján, coordenadora dos cursos de formação de tradutores do Alumni.

INDICAÇÃO

Para evitar erros graves, o mercado de tradutores, que não é regulamentado por lei, se baseia muito em confiança e indicação. É uma forma de filtrar os bons tradutores, aponta Souza, da Abrates.

Por isso, além de estudar por conta própria, Ivonice procurou conhecer outros profissionais para entrar na rede de indicações do setor e estima que 90% de seus trabalhos venham daí.

Frequentar congressos ou grupos nas redes sociais pode ajudar. Isso porque 86% dos profissionais são autônomos -muitos trabalham em home office.

Nesses casos, é importante investir tempo para encontrar clientes e fazer reservas financeiras destinadas aos meses de movimento mais fraco, além de reinvestir parte dos rendimentos na própria capacitação.

"Além de cursos, congressos e infraestrutura, preciso pensar nos custos com as férias e o plano de saúde, por exemplo", diz a tradutora Paula Ianelli, 29, que elabora materiais nas áreas de tecnologia e games.

*

TRADUZINDO...

86%

dos tradutores são autônomos

R\$ 2.500

é o salário inicial médio

29%

têm bacharelado em tradução

38%

têm pós-graduação na área

R\$ 0,38

é o valor por palavra de uma tradução*

42%

trabalham em outras áreas para complementar a renda

*de acordo com a tabela do Sintra (Sindicato Nacional dos Tradutores) -iniciantes, em geral, conseguem metade deste valor

Fontes: Sintra, PUC e Abrates

ONDE ESTUDAR

GRADUAÇÃO EM LETRAS COM HABILITAÇÃO EM TRADUÇÃO (4 ANOS)

ONDE Unesp, em São José do Rio Preto

QUANTO Gratuito

QUANDO Há vestibular duas vezes ao ano, no meio e no final do ano

SAIBA MAIS goo.gl/kVn3Uq

GRADUAÇÃO EM LETRAS: TRADUÇÃO (3 ANOS)

ONDE PUC-SP

QUANTO R\$ 1.860 por mês

QUANDO Há vestibular duas vezes ao ano, no meio e no final do ano

SAIBA MAIS goo.gl/2g5m8X

PÓS-GRADUAÇÃO EM TRADUÇÃO DE INGLÊS OU ESPANHOL (18 MESES)

ONDE Estácio

QUANTO R\$ 5.357, em até 24x

QUANDO Inscrições abertas para a turma que começa no final de maio

SAIBA MAIS goo.gl/zmxmC7

FORMAÇÃO DE TRADUTORES E INTÉRPRETES (2 ANOS)

ONDE Alumni

QUANTO R\$ 2.285,80, em cinco vezes

QUANDO A próxima turma começa em agosto

SAIBA MAIS goo.gl/QfPciw

FORMAÇÃO DE TRADUTORES ONLINE (15 MESES)

ONDE Centro de ensino Brasillis

QUANTO R\$ 550 por mês

QUANDO A próxima turma começa em 18 de abril

SAIBA MAIS goo.gl/ZaxL6s

FORMAÇÃO DE TRADUTORES (11 MESES)

ONDE Curso DBB de tradução

QUANTO R\$ 480 por mês para inglês e R\$ 420 para francês

QUANDO Pode ser iniciado a qualquer momento

SAIBA MAIS goo.gl/GiENGj

Após 2 altas semanais seguidas, preço médio da gasolina tem leve recuo, aponta ANP

16/04/2018 – Fonte: G1

Preço médio do litro de gasolina recuo na última semana, passando de R\$ 4,217 para R\$ 4,208.

Após 2 altas seguidas, o preço médio do litro de gasolina recuo na última semana, passando de R\$ 4,217 para R\$ 4,208, uma queda de 0,2%, segundo levantamento da Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP).

A pesquisa foi realizada entre os dias 8 e 14 de abril em 5.790 postos do país.

Já o preço médio do diesel subiu na última semana para R\$ 3,41, enquanto que o do etanol caiu para R\$ 3,019. Veja gráfico abaixo.

Preço do gás de cozinha cai

Na semana passada, o botijão de 13 kg de gás de cozinha caiu de R\$ 67,01 para R\$ 66,87, segundo a ANP.

Reajustes da Petrobras

Nesta segunda-feira, a Petrobras elevará os preços do diesel e da gasolina em 0,76% e 0,9% nas refinarias a partir de terça-feira (17). Com os reajustes, os valores do diesel e da gasolina irão, respectivamente, para R\$ 1,9988 e R\$ 1,7229 por litro, os maiores patamares da nova política de reajustes diários, iniciada em julho do ano passado.

A Petrobras adota novo formato na política de ajuste de preços desde 3 de julho do ano passado. Pela nova metodologia, os reajustes acontecem com maior frequência, inclusive diariamente.

Desde o início do novo formato, em julho do ano passado, o preço da gasolina comercializada nas refinarias acumula alta de 31,18% e o do diesel, valorização de 34,33%, segundo o Valor Online.

A política de reajustes da Petrobras visa seguir as oscilações do mercado internacional, entre outros fatores, além de manter sua competitividade e uma melhor posição no mercado de combustíveis, evitando que as suas cotações fiquem abaixo da paridade externa.

As máximas registradas nos últimos dias acompanharam a escalada dos preços do petróleo no mercado internacional.

Elétricos empacam na Europa por falta de estrutura

16/04/2018 – Fonte: Automotive Business (publicado dia 13-04-2018)



Com insegurança sobre rede de recarga, vendas de carros a bateria na União Europeia cresceram só 0,8% de 2014 a 2017

A **Europa** precisa aumentar muito a frota de **carros elétricos** nos próximos anos para atingir as metas locais de redução de emissão de CO2 propostas até 2021 e depois. Esse objetivo, contudo, está em risco.

O alerta foi feito esta semana pela Acea, a Associação dos Construtores Europeus de Automóveis. A entidade alega que apesar de todos os investimentos em lançamentos de novos veículos movidos a baterias, o número deles em circulação cresce de forma muito tímida: esses modelos representam apenas 1,4% das vendas na União Europeia (UE) e o avanço deles nos últimos quatro anos (2014-2017) foi de minguados 0,8%.

O motivo do desempenho pífio, segundo a Acea, é a limitada rede de recarga, que deixa consumidores inseguros para optar pelo carro elétrico. A entidade cita recente levantamento da EEA, Agência Europeia de Meio Ambiente, mostrando que os investimentos em infraestrutura elétrica veicular são insuficientes na maioria dos países europeus: apenas 10 dos 28 membros da União Europeia concedem incentivos específicos para a implantação de pontos para recarregar baterias.

A Acea alerta que esses investimentos devem ser acelerados para atingir as metas de redução de emissões de CO2, que no caso europeus são altamente dependentes do aumento das vendas de carros elétricos e outros meios alternativos de propulsão.

“A infraestrutura suficiente de recarga é fundamental para dar às pessoas confiança de que veículos 100% elétricos são confiáveis para suas necessidades de mobilidade, enquanto a rede maior de postos reduz a ansiedade ligada à limitação de autonomia”, confirma a EEA em seu levantamento.

A Acea lembra que em 2014 a UE aprovou objetivos claros para a implantação de infraestrutura de combustíveis alternativos nos países membros do bloco. Mas segundo a entidade os resultados dessa política ainda é “pobre”.

“Mesmo com todos os fabricantes expandindo suas linhas de carros elétricos, infelizmente nós vemos que a penetração de mercado desses veículos é muito fraca e desigual através da UE”, declarou em nota Erik Jonnaert, secretário geral da Acea.

“Consumidores procurando por uma alternativa ao diesel frequentemente optam por modelos híbridos a gasolina, mas resistem a fazer a mudança para os elétricos recarregáveis em larga escala. O levantamento da EEA confirma que uma densa e ampla rede de recarga na União Europeia é absolutamente necessária se quisermos que consumidores realmente abracem os elétricos”, complementou o dirigente.

A Acea adverte que as metas de redução de CO2 para depois de 2021, recentemente propostas pela Comissão Europeia, não foram devidamente conectadas com a viabilidade da infraestrutura de recarga. Nesse sentido, a Acea diz defender que

qualquer objetivo climático futuro deve necessariamente levar em conta a estrutura disponível e a aceitação do consumidor.

Venda de utilitários crescerá 35% este ano

16/04/2018 – Fonte: Automotive Business (publicado dia 13-04-2018)



Master 2019 recebeu novo ar-condicionado e bancos mais confortáveis nas versões para passageiros

Depois de quedas seguidas desde 2014, o segmento de vans, furgões e chassis-cabines **deve crescer 35%** em 2018. A projeção é da Renault, fabricante dos **utilitários** Master, que tiveram 6,2 mil unidades emplacadas no ano passado e devem fechar 2018 com 8,3 mil veículos se a estimativa da montadora se confirmar. O segmento todo deve alcançar 16,7 mil.

Outra crença da Renault é que o Master ainda ganhará participação. Os utilitários fabricados em São José dos Pinhais (PR) lideram o segmento desde 2014, fecharam o ano passado com 51% de market share e devem subir mais dois pontos este ano.

Os números foram revelados durante a divulgação de um novo plano de manutenção para os utilitários da marca. No evento, a montadora também divulgou as mudanças feitas na linha Master 2019. As versões de passageiros receberam novo ar-condicionado e bancos mais confortáveis. Todas as caixas de câmbio passaram por modificações para redução de vibração e aumento da durabilidade.

De acordo com a Renault, 47% dos Master vendidos são versões para passageiros, 40% para carga e os 13% restantes, chassis-cabines para implementação de carrocerias de carga. A maioria das vendas (81%) é feita para pequenos transportadores (microempresas). Os 14% restantes vão para grandes frotistas.

A Renault tem atualmente 300 concessionárias. Destas, 57% integram a rede Pro+, exclusiva para utilitários. Essas lojas estão em 20 Estados.

Renault lança plano de manutenção para linha Master

16/04/2018 – Fonte: Automotive Business (publicado dia 13-04-2018)



Plano de manutenção tem opções entre R\$ 6 mil e R\$ 17 mil e vale para van, furgão ou chassi-cabine/04/2018 | 16h35

Programa inclui até troca de embreagem e pode ser embutido no financiamento do veículo

A **Renault** criou para a linha **Master** de utilitários (furgões, vans e chassis-cabines) o plano Manutenção + Fácil Pro, que inclui não só as revisões periódicas, mas também a substituição de itens de desgaste como embreagem, pastilhas e discos de freio,

normalmente cobrados à parte. A mão de obra também está incluída.

O novo plano tem cinco opções (veja tabela abaixo), com coberturas entre 40 mil e 100 mil quilômetros, e preços entre R\$ 6 mil e R\$ 17 mil que podem ser incluídos no valor total do financiamento. De acordo com a Renault, o pacote é transferível no momento da venda do veículo, o que tende a aumentar seu valor de revenda. O modelo de negócio já era utilizado pela Renault na Europa.

Ele recorda que esse modelo é bastante comum na manutenção de veículos pesados e serve como forma de manter o proprietário próximo da rede autorizada.

O executivo não sabe informar quantos compradores de Master devem aderir ao novo plano, mas recorda que 60% dos compradores de Master levam junto o plano de revisão tradicional, que inclui apenas óleo, filtro, correias, fluidos e verificação de itens.

A lista de cobertura do novo Manutenção + Fácil Pro é extensa. Entre os itens citados pela companhia estão pastilhas, discos, kit de embreagem, escape, velas, bateria, amortecedores, batentes de amortecedor, além de óleo, filtros, correias e fluidos. Já os pneus, alinhamento, balanceamento, rodas e outros componentes danificados por batidas ou queda em buraco estão excluídos do novo plano. As revisões e manutenções na linha Master podem ser feitas em qualquer concessionária Renault. São 300 ao todo. Até o fim do ano a Renault espera vender 8,3 mil Master.

Veja abaixo as cinco possibilidades de plano:

40 mil km ou 12 meses, por R\$ 0,15 por km (R\$ 6 mil)

60 mil km ou 24 meses, por R\$ 0,14 por km (R\$ 8,4 mil)

80 mil km ou 24 meses, por R\$ 0,16 por km (R\$ 12,8 mil)

80 mil km ou 36 meses, por R\$ 0,17 por km (R\$ 13,6 mil)

100 mil km ou 36 meses, por R\$ 0,17 por km (R\$ 17 mil)